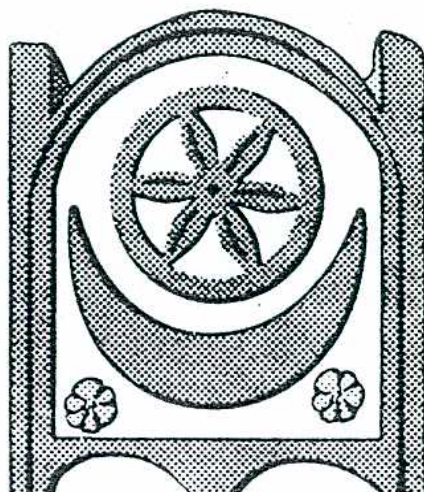


María de Fátima Matos da Silva



**MACHADOS DE TALÃO NA
BACIA SUPERIOR DO RIO COURA**

Separata del volumen I de las
ACTAS DEL XXII CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA

VIGO 1993

MACHADOS DE TALÃO NA BACIA SUPERIOR DO RIO COURA¹

Maria de Fátima Matos da Silva²

1-ENQUADRAMENTO

Como se pode analisar pela cartografia³, o concelho de Paredes de Coura situa-se no distrito de Viana do Castelo, na região geográfica do Alto Minho ou Minho Setentrional, em zona central em relação aos concelhos que o circundam, nomeadamente Ponte de Lima, Arcos de Valdevez, Monção, Valença e Vila Nova de Cerveira.

Os limites administrativos são em grande parte coincidentes com os da bacia superior do rio Coura que é limitada a NNE, E e SSE por zonas de bastante altitude, como a Serra da Boulhosa, o Monte de Lamas e o Corno do Bico (Serra de Bico), que oscilam entre os 700 e os 835 metros, inclinando-se esta área geográfica no sentido oeste, do mar, variando as altitudes, neste ponto cardeal, entre os 120 e os 350 metros.

O rio Coura, de traçado sinuoso, corre em vale estreito, tendo vários afluentes e nascentes. Passa em cotas compreendidas entre os 500 e os 120 metros. Separa esta área geográfica sensivelmente pelo meio, percorrendo um talvegue sinuoso no sentido NE-SO.

O território, em termos geológicos, é constituído por terrenos arcaicos e graníticos, onde abunda o porfiróide, de grão grosso, existindo ainda frequentes afloramentos xistentos.

2- O BRONZE FINAL NO NOROESTE

A Idade do Bronze, fase intermedia da Proto-História, encontra-se no NO praticamente desconhecida, dado que os estudos elaborados até aqui baseiam-se sobretudo na análise formática (só muito recentemente metalográfica) dos machados e outros materiais de bronze. Estudo esse, aliás, descontextualizado e, por isso, pouco revelador dos habitats, necrópoles e, em suma, dos povos que os fabricaram.

Foi baseado nestes achados que se estabeleceram as mais variadas cronologias, desde P. Bosch Gimpera (1932) a M. Santa Olalla (1946), que dividem a Idade do Bronze Peninsular em duas grandes áreas culturais de desenvolvimento: o Bronze Atlântico e o Mediterrânico.

Ainda hoje esta terminologia é utilizada, nomeadamente para os achados detectados na zona litorânea da Península (KALB 1979; 1980a; 1980b; GALVEZ PRIEGO 1984; COFFYN 1985), tendo marcado a investigação até aos anos setenta.

Os trabalhos de síntese são raros e centrados sobretudo nas obras de J. V. Evans (1951), C. Hawkes (1952), E. Mac White (1951), A. Coffyn (1985), Ruiz Galvez Priego (1980) e Susana Jorge (1986).

H. Savory (1949, 128-155; 1953, 123-177) e Mac White (1951), embora seguindo o esquema dicotónico de Santa Olalla, precisam as cronologias, tendo o mérito de elaborar um estudo tipológico dos machados. Mac White (Idem., 64) apresenta um modelo explicativo acerca da introdução deste tipo de achado na Península. Segundo ele terão vindo por França, pela região cantábrica e depois pela Catalunha, chegando desta forma à Península.

Mais recentemente, os diversos autores, e dada a premência dos estudos do contexto em que esta peças estão inseridas, tentaram articular o seu estudo com outros materiais, nomeadamente com a cerâmica de "tipo Penha", "tipo Baiões e Sanata Luzia" e da "cultura de Alpiarça", como e o caso de F. Kalb (1980, 113-120).

Esta orientação dos trabalhos é incentivada pela obra de L. Monteagudo (1977, 1981) e pelos trabalhos de A. Coffyn (1985) sobre o Bronze Final Atlântico. Este último estabelece para este período uma cronologia de 900-700 a.C., fase na qual se terá verificado um florescimento da metalurgia do bronze no NO, sendo também documentados os contactos atlânticos (ALMAGRO GORBEA 1986).

Este impulso no estudo da Idade do Bronze tem também base nos estudos metalográficos (SILVA 1986), que pretendem precisar não só o tipo de mineral e a sua percentagem na composição das peças, como também localizar os seus centros de produção.

As análises de machados de talão e alvado revelam a utilização de altas percentagens de chumbo (GALVEZ PRIEGO 1980, 1984), o que concede a estas peças uma fragilidade que vem de encontro à ideia de vários autores, inclusivamente a nossa, segundo a qual estes machados teriam escassa aplicação prática em termos laborais, servindo antes como "moeda de troca" ou até como objectos de prestígio.

No entanto, e apesar do consenso de que as origens da "Cultura Castreja" deveriam ser procuradas no Bronze Final" (MARTINS 1990, 17), esta lacuna encontra-se por resolver, facto para o qual contribui a referida descontextualização dos achados e, muito provavelmente,

porque os locais de ocupação dos habitats abertos da Idade do Bronze no NO foram, na maioria dos casos, também os eleitos para a ocupação dos povoados fortificados da Idade do Ferro.

3- OS VESTÍGIOS DA BACIA SUPERIOR DO RIO COURA

A área agora estudada apresenta-se bastante rica em termos arqueológicos, revelando um povoamento contínuo, provavelmente desde tempos pré-históricos.

No entanto, trata-se de um território praticamente virgem, no que concerne aos estudos arqueológicos, existindo apenas escassas referências, pouco precisas, sobre os materiais e estações que ao longo dos tempos têm sido detectados.

Os vestígios materiais até hoje encontrados nesta área, referentes à Idade do Bronze, são escassos¹, não podendo, por ora, serem apontados quaisquer povoados mas sim alguns instrumentos caracterizadores desta época, os designados "fósseis directores", como sejam cerca de duas dezenas de machados de bronze que apontam para um povoamento, nesta época, dos povoados fortificados.

É atribuída a transição entre o Calcolítico e a Idade do Bronze Inicial a estela menir de Boulhosa, Insalde (VASCONCELOS 1909; 1910), aparentemente simbolizando uma figura feminina. Foi descoberta relativamente próximo do local onde se detectaram os machados de Cabeludas. Por sair do âmbito cronológico deste trabalho, não a estudamos em particular.

No actual estado dos trabalhos de prospecção e tendo em consideração as características topográficas e o aparecimento de alguns machados, apenas podemos aventar a hipótese da existência de um povoado em Cabeludas. Trata-se de um recinto cujas dimensões excedem os cem metros de comprimento. Possui grandes quantidades de blocos graníticos, de grande porte, e um perfil arredondado, com uma pequena planura alongada no cimo, no sentido N-S. Até ao momento, em termos de espólio, só foram detectados, na base do monte, três machados.

No lugar do Castelo a possibilidade da existência de um povoado da Idade do Bronze parece-nos também aqui um pouco remota. Estaremos antes na presença de um local típico de ocultação. Contudo, alguns autores referem-se a este local como um "Castro". Estão neste caso Abel Viana (1932, 161), Narciso A. Cunha (1909 [1979], 131) e A. C. Silva (1986, nº 71), embora não especifiquem esta atribuição. No local não existem quer vestígios de estruturas de defensas ou de outro tipo, embora tenhamos detectado alguns fragmentos cerâmicos que apontam para uma romanização do local.

3.1- OS MACHADOS DE TALÃO

Os machados foram detectados em diferentes pontos

da área da bacia superior do rio Coura e, segundo a bibliografia que se lhes refere (MONTAGUDO 1977, 167), três seriam de proveniência desconhecida. Contudo, recentemente descobrimos a sua localização.

Todos eles são machados de talão, bifaces, de dois anéis com dimensões semelhantes mas diversas.

Possuem lâminas estreitas, de gume alargado, por vezes fracturados, curvilíneo. As lâminas possuem nervuras laterais, em ambas as faces.

Talão com ressalto médio elevado de secção variável, entre a hexagonal e a ovóide. espessado e de cantos angulosos, curvos ou terminando em triângulo, conforme o tipo a que se refere. Abas laterais em ambas as faces.

Um dos machados (machado inédito, de tipo 38B, das Cabeludas - nº 14) possui dois sulcos centrais na lâmina, além das típicas nervuras laterais.

Anéis de secção semicircular e cabeção de secção geralmente circular, por vezes com um desnível em perfil de poucos milímetros. Conservam o cone de fundição e as rebarbas.

A justaposição das duas partes do molde nem sempre foi correcta, pelo que podem apresentar um pequeno desvio. Por vezes, possuem vários negativos de bolhas de ar.

A primeira tipologia conhecida, de Mac White (1951, 64-98) divide este tipo de machados em tres grupos. Por analogia podemos classificar os materiais aqui detectados como pertencentes ao terceiro grupo, que, segundo aquele autor, pode ter sido influenciado pelos machados de cubo que têm a mesma secção exterior. Por se situarem tipologicamente afastados dos machados típicos deste tipo, deduz serem mais tardios. Refere, ainda, que dada a grossura do talão e a existencia do cabeção (apenas existe nos machados peninsulares) muito dificilmente seriam encabados, pelo que deveriam ser votivos.

Este tipo de machados tem a sua área de concentração na Galiza e norte de Portugal, estendendo-se até ao norte, pelo Pirinéus e, até ao sul, pela Andaluzia, além de existirem também na França e Inglaterra. Conclui que esta extensão se deve ao comércio de estanho, e que, apesar de todos terem origem na Península, muitos seriam de fabrico local. Realça ainda a existência de uma variação, muito rara em três machados do depósito de Castelo, correspondentes aos números 5, 7 e 9.

A tipologia mais recente, de L. Montegudo (1977), atribui-lhes o Grupo 29, do tipo Minho (*id.*, *ib.*) e variantes. O conjunto apresenta grandes semelhanças formáticas, sendo o elemento caracterizador e, portanto, diferenciador de cada tipo, a forma do ressalto da espera do talão, que se apresenta de cantos angulares (correspondente ao tipo 29A), arredondados (tipo 29B - também na mesma tipologia), ou, num único caso, em formato sub-triangular

(tipo 29C).

Além dos três de Cristelo, apareceram outros em igual número em 1935, aquando da abertura da estrada Paredes de Coura-Extremo, no lugar de Cabeludas, na confluência das freguesias de Insalde e Padornelo.

Apesar de possuírem ligeiras diferenças entre eles, apresentam as mesmas características dos anteriores, assim como a mesma tipologia. No entanto, um dos referidos como sendo deste local não a é. Assim, temos um machado de tipologia muito diferente dos outros desta área, sem cabeção. Seguindo a mesma tipologia, classificamo-lo como pertencendo ao grupo 38B. A publicação de L. Montegudo conta com várias imprecisões, atribuindo a Paredes de Coura um machado de Afife e não referindo outro de Cabeludas.

Estão depositados no Museu Pio XII, em Braga.

O maior e último grupo de machados de bronze apareceu no local do Castelo, pequena elevação fronteiriça ao rio Coura onde apareceram também diversos fragmentos de tégula e, recentemente, fragmentos de cerâmica, eventualmente da Idade do Ferro. Trata-se de um grupo de 14 machados.

Têm as mesmas características dos anteriores, formando, contudo, dentro da sua homogeneidade, três subgrupos tipológicos com grandes semelhanças formáticas entre eles.

Estão actualmente depositados no Museu Nacional de Arqueologia, tendo sido grande parte deles restaurados para exposição.

Em resumo, temos na bacia superior do rio Coura três conjuntos de machados de bronze, de talão, bifaces de dois anéis. Distribuídos por três tipos, dentro do grupo caracterizante do Minho (Grupo 29), e por um elemento tipológica e cronologicamente muito distinto dos anteriores, fruto, talvez, de relações externas, com o Miño, da Galiza de então.

O Quadro I, referente ao enquadramento dos locais onde foram detectados estes vestígios do Bronze Final, mostra-os que estes apareceram sempre na base dos montes, sendo dois casos na base de povoados fortificados castrejos. Num dos casos, em Cabeludas, não há vestígios da Idade do Ferro no local, embora o povoado da Giesteira se situe relativamente próximo.

3.2 - TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Apresentamos o tratamento estatístico destes materiais em quadros sinópticos e gráficos de barras, de forma a permitir uma visualização rápida e precisa dos dados obtidos.

Distribuem-se por três núcleos e por quatro grupos. Assim, temos em Cristelo três exemplares todos

pertencentes ao mesmo grupo - o 29A. No entanto, dado que dois deles se encontram incompletos, não nos é permitido um tratamento preciso.

Provenientes do lugar do Castelo teríamos 14 exemplares, dos quais apenas conseguimos localizar oito⁵. Estes distribuem-se por três grupos: quatro no tipo 29A, três no 29B e um no 29C, este último esteticamente mais elaborado. Quanto aos outros, não possuímos elementos para classificá-los.

O grupo das Cabeludas é muito heterogéneo, quer nos tipos, quer nos pesos e dimensões. Um deles pertence ao tipo 29A, outro ao 29B e outro ao 38B.

O machado nº 14, apesar de apresentar grandes semelhanças com os do grupo 35B (nomeadamente os nº. 1327 e 1328 - L. Montegudo) e o grupo 37D cujo fóssil director mais caracterizador é um exemplar da Corunha - nº 1399 - segundo o mesmo autor), optámos por o inserir no grupo 38B, tendo como paralelo mais próximo e único na área portuguesa o exemplar como o nº 1449, que apareceu no Monte do Sino (S. Jorge, Guimarães - cronologicamente situado entre 1100 e 1000 a. C.). Deste grupo existem nove na Península Ibérica.

Em relação aos demais, os do grupo 29 são muito semelhantes aos detectados nos outros locais.

Os exemplares pertencentes ao 29A oscilam entre os 23,3 e 27,3 cm. e entre 1025 e 1275 gramas de peso. A média situa-se respectivamente nos 24,9 cm. e 1137,5 gramas. Ao analisarmos os seus tamanhos, se exceptuarmos o caso do nº 7, de grandes proporções, verificamos a existência de bastante regularidade. Contudo, o seu peso é pouco similar.

Os materiais do grupo 29B oscilam entre os 23,3 e 24,4 cm. de comprimento e entre as 1200 e 1250 gramas de peso. A média situa-se respectivamente nos 24,06 cm. e 1225 gramas. Em suma, é um grupo mais homogéneo.

No geral o seu comprimento varia entre os 23,1 e 27,3 cm. com cabeção, e 19,3 e 23,3, medidos até o final do talão. O seu peso oscila entre as 1025 e 1275 gramas, evidentemente em relação aos machados completos e com bolo de fundição.

O tipo 29A tem em média 20,64 cm. de comprimento e 1107 gramas de peso, oscilando, no geral, entre as 1025 e 1275. Em relação ao tipo 29B, apresenta medidas entre os 23,3 e 24,7 cm., com uma média de 24,2. O seu peso oscila entre as 1200 e 1250 gramas, com a média a bater nas 1218 gramas.

O tipo 29C só apresenta um exemplar com 23,4 cm. de comprimento e 1175 gramas de peso, posicionando-se na zona intermédia entre o grupo A e o B.

O grupo 38B também só apresenta um exemplar, sem cabeção, com 19,3 cm. de comprimento e 1000 gramas.

Evidentemente não permite analogias.

O tratamento estatístico das peças fornece-nos algumas conclusões algo dispare. Se fizermos um análise genérica do grupo de catorze machados localizados na bacia superior do rio Coura, temos o grupo 29A como o mais leve e de menores dimensões, enquanto ao grupo 29B se apresenta como mais pesado e com maiores proporções.

No entanto, uma análise particular ao grupo de maiores dimensões, o do Castelo, e por isso a permitir uma análise, demonstra-nos ser o grupo 29A o mais leve mas simultaneamente o de maiores dimensões, devido ao referido caso do machado nº 7, enquanto que o grupo 29B aparece-nos com menores proporções, apesar de continuar a ser o mais pesado.

3.3 - PARALELOS.

Em termos de distribuição geográfica deste tipo de machados e seus paralelos, podemos referenciar, em relação ao grupo majoritário e segundo tipologia de L. Monteagudo que temos vindo a citar, que o grupo 29, referente ao Minho, apresenta uma grande variabilidade de formas, incluindo ainda subdivisões em cada sub-grupo. Dentro deste grupo a variante 29A possui a maior representatividade, existindo raros exemplares (três) abaixo do rio Douro e igual quantidade em Trás-os-Montes, cinco no Douro litoral e a maior representação no Minho com 21 exemplares. Merece ser realçada a área por nós estudada que se destaca face a todas as demais por possuir sete exemplares. Na Galiza foram detectados 10, sendo a maior concentração na província de Lugo.

O tipo 29B apresenta dois representantes na Beira Interior, tal como em Trás-os-Montes. O maior grupo é o volumoso achado detectado em S. Martinho de Bougado (Santo Tirso - 1888), um "esconderijo de fundidor" com trinta exemplares, dos quais pertencem cinco a este grupo. A maior incidência verifica-se também no Minho e igualmente tendo a maior representatividade nesta área e na pertencente o actual concelho de Moção. A Galiza apenas possui cinco exemplares.

O tipo C apresenta uma grande dispersão mas com muito pequena representatividade, existindo pois muito poucos exemplares deste tipo. Contudo o Minho continua a apresentar a maior concentração.

Destaca-se neste levantamento a representatividade dos achados da bacia superior do rio Coura, sendo em relação à variante 29A e B a área com maior incidência de todos os achados destes tipos de espólios, apontando, talvez, para uma zona de fabrico com um foco regional relativamente desenvolvido.

O tipo 29C é bastante raro, tal como o 38B mas também aqui são representados com uma exemplar para cada. A maior concentração deste tipo (38B) situa-se nas províncias de Pontevedra e Corunha, daí designar-se o grupo 38B por Redondela, localidade de Pontevedra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Os materiais estudados evidenciam um desenvolvimento da metalurgia do bronze típico desta época e um trabalho na maioria dos casos regional.

Cronologicamente são atribuídos ao Bronze Final. L. Monteagudo refere-os como pertencendo a um "Bronze Tardio" (1977, 173) e A. C. Silva, mais específico, atribui-os ao Bronze Final III, correspondendo já à Fase IA da Idade do Ferro (SILVA 1986, gf. 4). Ao machado com o número 14, do tipo 38B pode-se-lhe, por analogia, atribuir uma cronologia entre 1100 e 1000 a.C.

No seguimento de outros autores (MARQUES 1978, 84) questionamo-nos sobre o conceito de "esconderijo de fundidor". Seriam antes objectos com fim comercial, de troca, como que de uma moeda se tratassem. Parece-nos que as teorias que ligam a funcionalidade destes materiais ao aumento da população e o necessário abate de árvores, para o aumento dos locais de cultivo e pastorícia, típico do início da Idade do Bronze não terá razão de ser. A fragilidade destas peças assim o parece comprovar.

A ausência de estruturas de actividade metalúrgica é também nesta área uma realidade.

A sua ocultação junto a povoados fortificados ou nas suas zonas limítrofes também se confirma aqui, como acontece no caso dos achados do concelho de Monção e outros do Alto Minho.

Os povoados do Bronze continuam por detectar, talvez porque os locais escolhidos fossem os mesmos dos povoados "castrejos" que se lhes sucederam. Assim, devido à falta de escavações nesta área da bacia superior do rio Coura e à sua escassez no Alto Minho, os achados dos níveis estratigráficos pertencentes a esta época estão, muito possivelmente, por encontrar, excepto em casos esporádicos como no Coto da Pena, em Caminha, ou Sr^a da Graça, em Monção.

As recentes escavações feitas nas Cidades de Romarigães e Cosourado, embora numa fase inicial, não nos apresentaram até o momento espólio caracterizador desta época.

Os locais onde foram detectados os machados em estudo encontram-se geomorfologicamente implantados, segundo os estudos actuais, em áreas com óptimas potencialidades económicas. Assim, o acesso aos recursos naturais (solos para agricultura e pastagem, recursos hídricos e minerais, nomeadamente o granito e as argilas) seria relativamente fácil.

A prática da caça e da pesca não seriam muito difíceis, quer pela proximidade do rio, quer pela proximidade da montanha. Tal situação não só permitiria a trasumância de gados, como ainda a obtenção de recursos naturais (madeira e caça, que ainda hoje perdura).

A materia-prima para a elaboração destes achados não seria de difícil acessibilidade dada a relativa abundância de estanho e cassiterite nas redondezas.

O tipo de fabrico seguiria os métodos habituais, em moldes feitos em barro e utilizando o método da cera perdida, como é confirmado pelas rebarbas laterais e pelas assimetrias de algumas peças, em resultado do desajustamento das valvas (MOHEN 1978).

Podemos, assim, concluir da riqueza dos achados do Bronze Atlântico nesta área, da separação tipológica dos machados da zona do Alto Minho (margem portuguesa do rio Minho) em relação às zonas mais para o sul das margens do Lima e para o interior. Como relata o monografista do concelho, Narciso A. Cunha, referindo-se ao fabrico dos machados, "(...) não pode duvidar-se de que esta indústria atingiu notável desenvolvimento, como denuncia a correcção e até certa elegância dos seus produtos" (CUNHA 1909 [1979, 127]).

NOTAS

¹ Este artigo é um capítulo da Tese de Pós-Graduação em Arqueologia, sob o título: "O Povoamento Proto-Histórico e Romano da Bacia Superior do Rio Coura: estudo, restauro e divulgação". Dadas as limitações de espaço da publicação, não podemos apresentar a base de dados com o estudo pormenorizado dos machados e dos locais onde estes foram detectados, bem como a totalidade dos quadros e dos gráficos com os resultados desse estudo e, ainda, os seus desenhos.

² Técnica Superior do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense. Responsável pela Área de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Paredes de Coura.

Agradecimentos: à Câmara Municipal de Paredes de Coura, por todos os apoios concedidos; ao Dr. Carlos Gouveia da Silva pela prestimosa e desinteressada ajuda e pelo desenho de algumas das peças; ao Museu Nacional de Arqueologia e ao Museu Pio XII (Braga) por todas

as facilidades concedidas e pelas possibilidades que nos deram de estudo dos materiais.

³ Na cartografia dos Serviços Cartográficos do Exército, à escala 1/25.000, a área da bacia superior do rio Coura, assim como o concelho de Paredes de Coura, ocupam parte dos mapas referenciados com os números 7 (1949), 8 (1949), 15 (1949) e 16 (1948).

⁴ J. Correia refere que em Vascões, perto das mamoas de Chã de Lamas e da Lagoa de Salgueirinha, teria aparecido "um sarcófago com inúmeros objectos da Idade do Bronze", objectos esses que não viu (1957, 37) e dos quais não possuímos qualquer outra referência.

⁵ Em relação aos outros seis machados que teriam sido aqui encontrados, nada podemos acrescentar, dado que estão dados como desaparecidos, não se encontrando no Museu Nacional de Arqueologia, com tem sido referido em bibliografia.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO-GORBEA, M. (1986). Bronce Final y Edad del Hierro. La Formación de las etnias y culturas prerromanas. Historia de España, 1, *Prehistoria*, Ed. Gredos, Madrid, 341-552.
- BOSCH-GIMPERA, P. (1932). *Etnología de la Península Ibérica*. Barcelona.
- COFFYN, A. (1985). *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Diffusion du Boccard. Paris.
- CORREIA, J. (1957) CUNHA, N.C.A. (1909). *Cidades e Vilas de Portugal: Paredes de Coura*. V.N. de Famalicão.
- GALVEZ PRIEGO, M.R. (1980). Consideraciones sobre el origen de los puñales de antenas Gallego-Asturianos. *Seminário de arqueologia do N.O. Peninsular*, 2, Guimarães, 85-111.
- (1984). *La Península Ibérica y sus relaciones con el círculo cultural atlántico*, Madrid (tese de dout. polic.).
- HARBISON, P. (1967). Mediterranean and Atlantic Elements in the Early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia, *Madrid Mitteilungen*, 8, Madrid, 100-122.
- HAWKES, C.F. (1952). Las relaciones en el Bronce Final entre la P. Ibérica y las Islas Británicas con respecto a Francia y a la Europa Central y Mediterránea. *Ampurias*, 14, Barcelona, 81-119.
- JORGE, S. (1986). *Povoados de Pré-História Recente da Região de Chaves-V.P. de Aguiar: Bases para o conhecimento do III e princípios do II milénios a.C. no norte de Portugal*. Porto.
- KALB, P. (1979). Contribución para el estudio de Bronce Atlántico. Excavaciones en el castro "Senhora de Guia" de Baiões. XV Congreso Nacional de Arqueología, Zaragoza, 581-604.
- (1980a). Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germania*, 58, 1980, 25-115.
- (180b). O Bronce Atlántico em Portugal. *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 1, 113-120.
- MAC WHITE, E. (1951). *Estudios entre las relaciones atlánticas en la Península Hispánica en la Edad del Bronce*. Madrid.
- MARQUES, J.M (1987). *Assentamentos Castrejos no concelho de Monção*. Rv. Ciências Históricas, II, Porto, 77-120.
- MARTINS, M. (1990). O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da bacia do Curso Medio do Cávado. *Cadernos de Arqueologia*. Monografias, Braga.
- MOHEN, J.P. (1978). *Moules en bronze de l'âge du Bronze*, Antiles, 10, 23-32.
- MONTEAGUDO, L. (1977). *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel Prahistorische Bronzefunde*. IX, 6, Munique.
- NEVES, L.Q. (1969). Acheugas para um possível e necessário rol de achados da Idade do Bronze, no distrito de Viana do Castelo. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 21, 273-280.
- NUNES, J.C. (1957). Três nótulas de arqueologia pré-histórica. Rv. *Guimarães*, Guimarães, 67 (1-2), 198-200, gv. 4.
- PEREIRA, F.A. (1903). Machados de duplo anel. *O Archeologo Português*, 8, Lisboa 132-136.
- SANTA-OLALLA, J.M. (1946). *Esquema Paleoetnológico de la P. Hispanica*, Madrid.
- SAVORY, H.N. (1949). *De Atlantic Bronze Age in Southwestern Europe*. PPS, 15, 128-155.
- (1951). A Idade do Bronze Atlântico no SW da Europa, *Revista Guimarães*, 61 (3-4), 323-337 e 455-472.
- (1985). *Espanha e Portugal*. Lisboa.
- SILVA, A.C.F. (1986). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. M.A.C.S., Paços da Ferreira.
- SILVA, M.F.MATOS (1992) O Castro de Cristelo: apontamentos para o seu estudo. *Cadernos de Arqueologia e Património*, 1, Paredes de Coura, 37-52.
- VASCONCELOS, J.L. (1909). Dolmens da Boalhosa (Alto Minho). *O Archeologo Português*, 15, 31-39.
- (1910). Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português. *O Archeologo Português*, 15, 31-39.
- VIANA, A. (1932). Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto Minho. *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, 1, 11-24.

QUADRO I - ENQUADRAMENTO DOS VESTÍGIOS DO BRONZE FINAL

Nº	LUGAR	FREGUESIA	GEOLOGIA	Geomorfologia	Hidrografia	Tipo Solo	Altitude	ESPOLIO	TIPOLOGIA	CRONOLOGIA
1	S. SEBASTIAO	Cristelo	Granito calcálcico de grão grosso	Base de elevação	Abundante Proximidade do Coura	C	495,5	Seixos truncados, machados de talão, rebolos, cerâmica (I.F/R), mós giratórias, ara	29 A = 3	BF - F - R
2	CASTELO	Formariz	Granito calcálcico de grão grosso	Base de pequena elevação	Abundante Proximidade do Coura	A	290,0	Machados de talão e cerâmica (I.F/R)	29 A = 4 29 B = 3 29 C = 1	BF - F - R
3	CABELUDAS	Insalde	Complexo xisto-migmatítico	Base de elevação	Abundante	A	470,0	Machados de talão	29 A = 1 29 B = 2	BF

QUADRO II - MACHADOS DE TALÃO

Nº	PROVENIÊNCIA LUGAR FREGUESIA	TIPO	CABEÇAO	BIFACE	ANEIS	COMPRIMENTO (cm) *	PESO (grs)	CRONOLOGIA	CONSERVAÇÃO	DEPOSITO
1	S. Sebastião Cristelo	29A	X	X	2	23,1 - 19,9	1200	B.F III - II A I.F	Bom	M.N.A.
2	S. Sebastião Cristelo	29A	(?)	X	2	24,6 (?) - 19,3	850	B.F III - II A I.F	Mau	M.N.A.
3	S. Sebastião Cristelo	29A	(?)	X	2	18,3 (?) - 14,3 (?)	(?)	B.F III - II A I.F	(?)	(?)
4	Castelo Formariz	29A	X	X	2	24,4 - 21,0	1100	B.F III - II A I.F	Bom	M.N.A.
5	Castelo Formariz	29A	X	X	2	23,3 - 21,6	1025	B.F III - II A I.F	Bom	M.N.A.
6	Castelo Formariz	29A	X	X	2	24,6 - 20,6	1275	B.F III - II A I.F	Bom	M.N.A.
7	Castelo Formariz	29B	X	X	2	24,4 - 20,5	1225	B.F III - II A I.F	Bom	M.N.A.
8	Castelo Formariz	29B	X	X	2	23,3 - 20,5	1250	B.F III - II A I.F	Bom	M.N.A.
9	Castelo Formariz	29C	X	X	2	23,4 - 19,8	1175	B.F III - II A I.F	Bom	M.N.A.
10	Castelo Formariz	29A	X	X	2	27,3 - 23,3	1150	B.F III - II A I.F	Bom	M.N.A. (1)
11	Castelo Formariz	29B	X	X	2	24,5 - 20,3	1200	B.F III - II A I.F	Razoável	M.N.A. (1)
12	Cabeludas Insalde	29A	X	X	2	23,5 - 20,5	1150	B.F III - II A I.F	(?)	PIO XII (?)
13	Cabeludas Insalde	29B	X	X	2	24,7 - 20,5	1250	B.F III - II A I.F	Bom	PIO XII
14	Cabeludas Insalde	38B	Sem	X	2	(?) - 19,3	1000	B.F III - II A I.F	Bom	PIO XII (1)

* Com e sem bolo de fundição
(1) Inéditos

Gráfico 1 - Variação por tipo, peso e comprimento

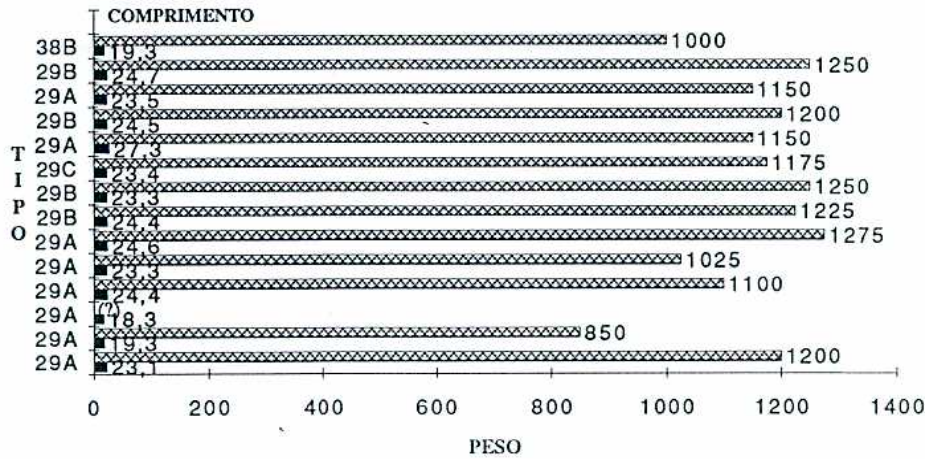


Gráfico 2 - VARIAÇÃO POR TIPOS E LOCAIS

